



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,  
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Antirracismo e Serviço Social**

## **O I SIMPÓSIO SERVIÇO SOCIAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A AGENDA ANTIRRACISTA PARA A CATEGORIA – MEMÓRIA É RESISTÊNCIA**

**RENATA GONÇALVES<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

De 15 a 18 de dezembro de 2020 ocorreu por meio remoto o I Simpósio Serviço Social e Relações Étnico-Raciais e aglutinou pesquisadores/as de várias regiões do país com o propósito de promover reflexões teórico-metodológicas sobre o tema, sempre em diálogo com as representações das entidades da área. Para além do debate e formação teórica, o Simpósio também pretendeu contribuir com a implementação de uma plataforma antirracista.

**Palavras-chave:** Relações étnico-raciais; Serviço Social; Plataforma antirracista

### **SUMMARY**

From December 15th to 18th, 2020, the 1st Social Work and Ethnic-Racial Relations Symposium took place remotely and brought together researchers from various regions of the country with the purpose of promoting theoretical-methodological reflections on the topic, always in dialogue with representations of entities in the area. In addition to debate and theoretical training, the Symposium also intended to contribute to the implementation of an anti-racist platform.

**Keywords:** Ethnic-racial relations; Social Work; Anti-racist platform

### **Introdução**

O I Simpósio Serviço Social e Relações Raciais aconteceu em dezembro de 2020, em pleno período de crise sanitária e de muitas dores por causa da pandemia de coronavírus. Num

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

período em que as universidades recebiam tantos ataques que visavam retirar os parques direitos duramente conquistados pela classe trabalhadora, a realização do *I Simpósio Serviço Social e Relações Raciais* foi uma belíssima ousadia que se somou ao anseio, no interior do Serviço Social, de avançar com a pauta antirracista.

Apesar dos crescentes estudos sobre relações étnico-raciais nos últimos anos, ainda não havia na área de Serviço Social um espaço que aglutinasse e sistematizasse de forma centralizada os resultados de pesquisas sobre a temática. O Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo chamou para si a tarefa de sediar esse primeiro grande encontro nacional de pesquisadores/as da área e afins, com vistas a fomentar as reflexões e produção de conhecimento sobre o tema.

Os objetivos que nortearam o Simpósio foram: organizar conferências com especialistas na abordagem teórico-metodológica do assunto; discutir as recentes contribuições teóricas acerca do racismo estrutural e institucional; promover a reflexão com representantes das entidades da área – o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), o Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) e a Executiva Nacional de Estudantes do Serviço Social (ENESSO); fomentar reuniões de grupos de pesquisa, priorizando a ênfase Relações Étnico-Raciais dos Grupos Temáticos de Pesquisa (GTP) “Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnia e Sexualidades” da ABEPSS; ampliar a visibilidade da produção acadêmica sobre as políticas de ações afirmativas; apresentar pesquisas acerca da história do movimento negro no Brasil; conhecer diferentes estudos sobre a promoção da igualdade racial; difundir outras experiências e saberes, como as das comunidades indígenas, quilombolas etc.; aprofundar as relações com os movimentos sociais a partir da inserção da temática étnico-racial no tripé ensino-pesquisa-extensão; tecer uma rede de pesquisadores/as, estudantes, profissionais da área com vistas ao intercâmbio de investigações científicas e experiências interventivas acerca do tema.

Diante das dificuldades, sobretudo por falta de recursos financeiros, e das incertezas causadas pela pandemia do novo coronavírus, o Simpósio parece ter superado de longe as expectativas. Um exame da página do evento, fonte primária deste artigo, indica que foi grande o número de inscritos/as/es em todas as atividades, fossem elas GTS, minicursos, mesas de debates, lançamento de livros, intervenções artísticas etc. Este artigo tem por tarefa central fazer o registro deste que foi um evento histórico da luta contra o racismo no Serviço Social!



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## Nossos passos vêm de longe! Entre *femenagens* e tarefas teóricas

O I *Simpósio Serviço Social e Relações Étnico-Raciais* fez história já no seu primeiro dia, quando Priscila Lira, Assistente Social e mestre em Serviço Social e Políticas Sociais, apresentou<sup>2</sup> as trajetórias de Maria de Lourdes Vale do Nascimento, Sebastião Rodrigues Alves e Dona Ivone Lara, personagens que inspiraram e ilustraram os *cards* de divulgação do evento. A apresentação foi um convite ao conhecimento de nossa história, em especial das lutas antirracistas que também fazem parte da consolidação do Serviço Social no Brasil.

A professora Renata Gonçalves coordenou a mesa de abertura, intitulada “Elas por Elas: histórico das relações étnico-raciais no Serviço Social”<sup>3</sup>, que prestou uma linda *femenagem* a Elisabete Pinto, Magali da Silva Almeida, Roseli Rocha e Suelma de Deus, assistentes sociais negras que vieram antes de nós, que colocaram no centro de suas preocupações teórico-metodológicas e políticas a pauta das relações étnico-raciais e seus rebatimentos na profissão. Elas, com outras assistentes sociais e pesquisadoras negras, são nossas referências quando o assunto é a formação e a intervenção antirracistas. Abriram trilhas e percorreram caminhos que tornaram possíveis darmos outros saltos. Cada uma falou das dificuldades encontradas, quando a pauta era ainda mais negligenciada pela categoria, e dos avanços significativos que vêm ocorrendo na área.

A emoção tomou conta da mesa e de quem acompanhava as atividades pelo *chat* quando quatro pessoas muito especiais para as *femenageadas* falaram sobre elas e suas trajetórias. Joilson Santana apresentou a importância da temática étnico-racial na trajetória política e acadêmica de sua “mestra magna” Magali de Almeida, além da inserção dela nas entidades da categoria; Yanan Queiroz exaltou as contribuições de lutas, resistências, afeto e luz de Roseli Rocha; Augusta Santo falou da dedicação de Suelma de Deus à luta antirracista, dos encontros para brindar a vida e preparar a revolução; e Edna Roland apresentou a admiração e amizade que nutre por Elisabete Pinto; lembrou das pesquisas pioneiras da amiga que também ajudou a fundar o *Fala Preta*. A noite foi dedicada a reverenciar o legado que as *femenageadas* deixaram para o Serviço Social. Mais que nunca, foi preciso reconhecer que nossos passos vêm de longe! Se hoje conseguimos pautar as relações étnico-raciais no Serviço Social, devemos muito a estas que vieram antes de nós!

<sup>2</sup> Ver os momentos iniciais (mais especificamente aos 17min30) disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=2K4p2LPKaxQ&t=1118s>

<sup>3</sup> Início aos 31min em <https://www.youtube.com/watch?v=2K4p2LPKaxQ&t=1118s>



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A mesa de debates da noite seguinte, 16 de dezembro de 2020, intitulada “Do privilégio da brancura ao racismo estrutural”, foi coordenada pela professora Zelma Madeira, e contou com a participação das pesquisadoras Luciana Alves e Márcia Eurico, que problematizaram a branquitude e a cultura de privilégios como sustentação do racismo estrutural da sociedade brasileira. Luciana Alves enfatizou que o privilégio branco é a espinha dorsal do racismo. O romance de Tony Morrison, *Deus ajude essa criança* (2018)<sup>4</sup>, foi escolhido por Márcia Eurico para abrir sua análise sobre as relações raciais e o privilégio da brancura, associado ao mito da democracia racial, que impôs o branqueamento como solução para o “problema racial” no país. Os desdobramentos deste processo foram os piores possíveis para trabalhadores/as negros/as/es. Nascer com a pele preta ou com traços negroides no Brasil é pertencer a um grupo que foi desenraizado, discriminado racialmente, enquanto o outro polo (o do branco) foi (e continua) considerado superior e modelo a ser seguido por toda a sociedade. Romper com os mecanismos ideológicos do racismo é tarefa urgente, não apenas para o Serviço Social, mas para todos/as/es que vislumbram uma sociedade sem opressões e livre da exploração capitalista de classe.

### **Qual agenda antirracista para o Serviço Social?**

Andréa Pires Rocha, professora da Universidade Estadual de Londrina, conduziu o debate<sup>5</sup> da terceira noite do Simpósio, em 17 de dezembro de 2020. A mesa “Qual agenda antirracista para o Serviço Social?” foi composta por Esther Lemos, Dácia Teles Costa, Patrícia Maria da Silva, Livia dos Santos e Janaiky Pereira de Almeida, representando respectivamente a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), o Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo (CRESS-SP), a Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social da Região VII (ENESSO-VII) e o Grupo Temático de Pesquisa (GTP) Serviço Social, Relações de Exploração e Opressão, Gênero, Raça/Etnia e Sexualidades. No centro das reflexões estavam os desafios cotidianos das entidades representativas da categoria no enfrentamento ao racismo.

Ao responder à pergunta “Qual agenda antirracista para o Serviço Social?”, Esther Lemos, em fala emocionada e emocionante, destacou as ações que a ABEPSS vem desenvolvendo no

<sup>4</sup> Título original *God help the child*, publicado em 2015 nos Estados Unidos. Neste romance, Toni Morrison, que ganhou o prêmio Nobel de Literatura, aborda a temática do racismo na infância e os subsequentes traumas na vida adulta.

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/live/quvgtp-Pi6A>



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

que tange ao compromisso que a gestão “Resistir e avançar na ousadia de lutar”<sup>6</sup> assumiu no combate ao racismo. Ressaltou que “o racismo é elemento estrutural do capitalismo e, na realidade brasileira, sua institucionalização reitera práticas eugenistas, higienistas e punitivistas dirigidas, historicamente, contra a população negra”. Face às contradições, completou, “não vamos retroceder frente a esta cultura de banalização e mercantilização de todas as dimensões da vida”. Lemos ressaltou que “é preciso fazer a autocrítica acerca do silenciamento sobre o racismo e as práticas racistas na sociedade e, por conseguinte, no Serviço Social brasileiro”. Urge “superar a fragmentação nos projetos político-pedagógicos dos cursos de Serviço Social”. É necessário que a nova organização das diretrizes curriculares seja efetivada e garanta a transversalidade da temática étnico-racial tanto nos núcleos de fundamentação (teórico-metodológicos da vida social, da formação sócio-histórica da sociedade brasileira e do trabalho profissional) como no que tange às competências profissionais, nas dimensões técnico-operativas, teórico-metodológicas e ético-políticas. Por fim, Esther Lemos afirmou que “sem desnaturalizar conceitos e práticas, não avançaremos na consciência antirracista”.

Janaiky Pereira de Almeida falou da importância do GTP Serviço Social, Relações de Exploração e Opressão, Gênero, Raça/Etnia e Sexualidades. Para ela, a luta antirracista é fruto de revoltas, resistências e soluçares de dor, poesia e cantos que ecoam. Considera que a inserção dessa agenda de luta antirracista no Serviço Social resulta da articulação com os movimentos sociais, em especial a luta do povo negro no Brasil. Essa agenda antirracista tem tarefas distintas de acordo com os espaços de inserção. Dando ênfase à formação, inserir a questão étnico-racial na agenda significa “explicitar o compromisso e responsabilidade não apenas em pautar o tema, seja numa disciplina, seja num seminário; mas não é apenas criar uma disciplina como se estivesse cumprindo uma tarefa”. Isso é importante, mas vai além. Para Janaiky de Almeida, é preciso incorporar biografias e bibliografias de autores/as negros/as/es em diferentes disciplinas e não somente naquela sobre a temática étnico-racial. Para combater o racismo, é necessário compreender o que o gera como elemento que estrutura as relações sociais em nossa sociedade. Neste sentido, observa que “o combate ao racismo ultrapassa as políticas de igualdade racial (apesar da importância delas), supera todas as ações particulares (que são centrais)”.

A gestão do CFESS “Melhor ir à luta, com classe e raça em defesa do Serviço Social” foi representada por Dácia Teles, que enfatizou o quanto 2020 é *um ano improvável* e com enormes

---

<sup>6</sup> Ver Plano de Ação em ABEPSS (2018).





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

desafios. A pandemia de coronavírus escancarou uma série de contradições. Não foi obra do acaso o fato de que a primeira pessoa a morrer em decorrência da covid-19 no Rio de Janeiro tenha sido uma mulher negra trabalhadora, que não é sequer nomeada. A senhora Cleonice Gonçalves é denominada nos jornais como “empregada doméstica morre”. E esta é uma questão a ser discutida. “Por que algumas pessoas são nomeadas e outras não?”, pergunta Dácia Teles.

O Serviço Social é uma profissão com uma direção política que não tem dúvida de que lado está. Mas vive as contradições próprias à sociedade capitalista. E historicamente tem se reinventado. O mesmo, segundo Dácia Teles, ocorre com a construção da agenda antirracista, que exige uma visão de totalidade. A presença do CFESS em diferentes espaços permite estar junto com a categoria e traçar estratégias visando o interesse da classe trabalhadora, que tem raça/etnia, gênero, orientação sexual, e que também tem desejo, medo e quer um outro projeto de sociedade. Para Teles, a pauta política do CFESS tem sido orientada por “estes valores e princípios, por uma defesa intransigente da liberdade, da democracia e do combate a todas as formas de preconceito, barbárie e violência”. Romper com essas amarras da sociabilidade capitalista “exige um esforço teórico, metodológico, político e coletivo”.

Quando a entidade lançou, em 2003, a campanha nacional de combate ao racismo<sup>7</sup> “O Serviço Social mudando o rumo da história: reagir contra o racismo é lutar por direitos!”, demarcou a necessidade do debate racial nas entidades representativas e a vinculação aos direitos humanos. Em 2010, houve outro marco construído coletivamente e a entidade passou a publicar o *CFESS manifesta* e começou a fazer demarcações sobre estratégias de resistência frente à precarização da formação e do exercício profissional. O terceiro marco é a campanha de 2017, “Assistentes sociais no combate ao racismo” (CFESS, 2020). As ações desencadeadas desde então refletem o acúmulo das discussões no enfrentamento às contradições. Na última plenária nacional do conjunto CFESS-CRESS, o debate étnico-racial ganhou centralidade e muitas ações foram traçadas: das cotas para negros/as/es nas gestões aos princípios de seguridade social, assegurando a discussão sobre o racismo dentro das políticas, com o objetivo de mapear, nomear e materializar quem é o Sujeito dessas políticas; o debate da ética como valor central para pensar aspectos de emancipação reafirmando o compromisso de combater o racismo, debatendo com a categoria, discutindo parâmetros para uma atuação antirracista de coleta qualificada do quesito raça/cor, impulsionando estudos sobre racismo institucional e religioso etc.

---

<sup>7</sup> Sobre o CFESS e a agenda antirracista, consultar a dissertação recentemente defendida por Kajali Lima Vitório (2019).

Para finalizar, Dácia Teles explicitou que se trata, portanto, de “uma agenda viva é uma agenda que sai das demandas do coletivo. O compromisso é com a luta antirracista e não de retroceder”.

Retomando as ações do CRESS-SP, gestão “Em defesa do Serviço Social, nos encontramos na luta!”, Patrícia Maria da Silva enfatizou que a atual gestão é de continuidade e que a pauta racial ganhou centralidade na atuação do Conselho Regional. A pergunta “Qual agenda antirracista para o Serviço Social?” remete às construções que estão sendo feitas na área na direção do enfrentamento ao racismo, ancorado no projeto societário explícito no código de ética da profissão, com uma direção política para a atuação profissional. O Conselho tem como competência orientar, disciplinar, fiscalizar o exercício da profissão, e este processo “tem de estar permeado por uma ótica antirracista no dia a dia do nosso fazer profissional”. Trabalhadores/as de dentro do próprio Conselho precisam estar implicados/as/es a fazerem essa análise.

No CRESS-SP, são 37.538 profissionais inscritos/as/es, com 11 seccionais, 48 funcionários/as/es e 18 diretores/as. Trata-se de “uma máquina institucional, que tem de dar conta de seus problemas internos, do exercício profissional, da fiscalização, dos registros de assistentes sociais, do cumprimento e observância do código de ética profissional. Em toda essa relação, devem perpassar as ações e a discussão étnico-racial”.

Patrícia da Silva destacou o *Comitê Assistentes Sociais no Combate ao Racismo* como fundamental para construção de uma agenda antirracista, pois possibilitou ampliar a discussão. Em São Paulo, o *Comitê* realizou, em 2018 e 2019, uma série de atividades: CineDebate; Campanha Nacional Amanhecer por Marielle; Seminário do Dia da/o/e Assistente Social de 2019, que trouxe a campanha e a enquete “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo”<sup>8</sup>; a aproximação com a questão indígena; encontros virtuais mensais do Comitê; campanha Vidas Negras Importam; Webnário racismo nas medidas socioeducativas e cotidiano profissional do/a/e Assistente Social etc. Todas estas ações demonstram um grande envolvimento do CRESS-SP na construção de uma agenda antirracista.

Lívia dos Santos, estudante que representou a Vila. Região da Executiva Nacional de Estudantes do Serviço Social (ENESSO-VII) chamou a atenção para o fato de que as pessoas pretas, enquanto estudantes, pautam o debate étnico-racial nas salas de aulas. A estudante de graduação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), relatou que é um corpo político na universidade desde 2017 e que sua relação com a ENESSO se deu em 2019.

---

<sup>8</sup> Uma análise preliminar desta enquete pode ser encontrada em Lira et al. (2019).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Segundo a estudante, quando se fala de ENESSO, não é possível estabelecer pontes diretas com a formação profissional. Os espaços de discussão que ela vivenciou são de muito fortalecimento para as pessoas pretas, mas ao mesmo tempo é também espaço de poder e privilégio da branquitude<sup>9</sup>. Para falar da mulher preta na academia, que é um lugar de disputa, é preciso pensar de que forma esse debate aparece na formação profissional. Do contrário, permanecerão as violências disparadas contra pretos/as/es. Para responder à pergunta “Qual agenda antirracista?”, Livia dos Santos considera que é preciso saber quem são os sujeitos que vão construir essa agenda. Como os sujeitos brancos compõem essa luta? A agenda antirracista entre as pessoas pretas já existe e sempre existiu, é pautada cotidianamente.

O processo de formação atual coloca a classe como central e não problematiza o que conforma essa classe. O grande desafio “é compreender quem são os nossos aliados, quando não se pauta esse debate a partir de pessoas pretas para pessoas pretas”. É necessário refletir sobre o fato de que a discussão sobre o racismo estrutural e o racismo institucional não isenta quem opera esses poderes, essas violências. Há muito tempo se fala do debate étnico-racial dentro do Serviço Social, mas faz pouco tempo que pessoas brancas estão ouvindo. São lugares e perspectivas diferentes. Para a estudante, as pessoas brancas precisam entender que as pessoas pretas, mesmo vivenciando tantas violências, permanecem didáticas e fazem um duplo caminho na universidade. São necessárias referências para fortalecer e dar continuidade ao que nossas mais velhas enfrentam hoje e já enfrentaram. Referências não são apenas inserções nas matrizes curriculares, é a oralidade transmitida neste Simpósio, por exemplo. A pauta do antirracismo e de todos os sistemas de opressões é trazida pelas pessoas que ocupam o lugar de quem sofre as violências e opressões. É possível falar em um novo Serviço Social se a próxima virada não for preta?

### **Feminismo decolonial e a exploração capitalista de classe**

A mesa de encerramento<sup>10</sup>, contou com a participação internacional de Ochy Curiel<sup>11</sup>, antropóloga feminista negra da República Dominicana, docente da Universidade Nacional da Colômbia. A autora, muito conhecida em vários países, trouxe importantes análises sobre a

<sup>9</sup> Para compreendermos em que consistem espaços e relações de poder e de privilégio, Livia dos Santos faz referência ao importante conceito de *pacto da branquitude*, de Cida Bento (2022).

<sup>10</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=LPJy\\_nXagmw](https://www.youtube.com/watch?v=LPJy_nXagmw), a partir de 9min30.

<sup>11</sup> Uma sucinta biografia da autora pode ser encontrada na entrevista realizada por Ana Paula Procópio da Silva, Magali da Silva Almeida e Renata Gonçalves (2020).





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

contribuição do feminismo decolonial<sup>12</sup> para o exame da tríade capitalismo, patriarcado e racismo. Ao fazer a distinção entre o decolonial e o pós-colonial, explica que o sentido de decolonial remonta a 1492, quando se inicia a colonização na *Abya Yala*<sup>13</sup>. Os estudos pós-coloniais, ao contrário, se esquecem deste período e configuram o continente a partir da invenção europeia, que insiste em tê-lo “descoberto”.

O capitalismo não seria possível sem o colonialismo nem sem a modernidade e sua matriz civilizatória, que definiu a Europa como o centro do mundo. Para a autora, o decolonial recupera as lutas negras e indígenas; as teorias latino-americanas e caribenhas, tais como a teoria da dependência, teologia da libertação, educação popular, neomarxismo, marxismo negro, por exemplo. São retomadas também as contribuições de pensadores como Frantz Fanon, Aimé Césaire etc.; assim como os feminismos críticos (das mulheres negras e *chicanas*).

Nesta perspectiva, os aportes das feministas de *Abya Yala*, sobretudo a partir dos anos de 1970, foram fundamentais para pensar a intersecção de gênero, raça, sexualidade e classe, como variáveis co-dependentes de opressão ou experiências decorrentes da situação de opressão interconectadas. Lélia Gonzalez (2020) foi uma das primeiras a falar a respeito desta conexão, além de outras latino-americanas, como Mara Viveros Vigoya<sup>14</sup> e, em especial, a feminista argentina María Lugones, a primeira a utilizar o conceito de *feminismo decolonial*<sup>15</sup>.

O *Black Feminist* também contribuiu para a compreensão do entrelaçamento das opressões e enfatizou a experiência como fonte de conhecimento, visando romper com o que Patricia Hill Collins chamou de *privilegio epistêmico*<sup>16</sup>; além de estenderam a noção de divisão sexual do trabalho à divisão racial do trabalho. Ochy Curiel enfatiza também a importância da espiritualidade e da música como um lugar de liberdade, como forma de recuperar a ancestralidade da luta política e a ideia de comunidade, de construção comunitária de nossos povos, colocando os territórios (os rios, riachos, montanhas etc.) como centrais às lutas e, portanto, se contrapondo à lógica colonial da exploração.

---

<sup>12</sup> Dentre as inúmeras publicações sobre o pensamento decolonial, sugerimos a leitura do artigo “Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial”, em Ochy (2020).

<sup>13</sup> Nome que os indígenas *Kuna*, situados entre Panamá e Colômbia, atribuíram ao território que os colonizadores chamaram de *Américas*.

<sup>14</sup> Dentre os muitos textos teóricos da autora de origem colombiana, destacamos “La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación”, em Viveros Vigoya (2016).

<sup>15</sup> Em especial, no artigo “Colonialidade e gênero”, publicado recentemente no Brasil em Lugones (2019).

<sup>16</sup> A sistematização deste conceito pode ser encontrada na obra *Black feminist thought*, publicada originalmente em 1990 nos Estados Unidos. A versão brasileira chegou somente vinte e nove anos depois. Ver Collins (2019).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Sob esta perspectiva, o feminismo decolonial significa se desapegar da etnografia do poder, em que mulheres privilegiadas nos tornam objetos de estudos, como parte de seus reconhecimentos acadêmicos. É preciso, portanto, se desapegar da síndrome colonial e reconhecer o saber das práticas ancestrais e fazer uma revisão dos lugares políticos que queremos construir.

### **Quando arte e política se encontram na luta antirracista**

Para além das mesas principais, ocorridas à noite com o objetivo de atingir um público mais amplo, ocorreram três encontros importantes. O primeiro deles foi coordenado por Tânia Maria Ramos de Godoi Diniz e consistiu na apresentação da pesquisa<sup>17</sup> *Assistentes Sociais no combate ao racismo: resultado de enquete do CRESS-SP*, feita por Priscila Lemos Lira. Tratou-se da análise preliminar do resultado da enquete, que deixou evidente que no exercício profissional o racismo está presente nas relações, vitimando trabalhadoras/es e usuárias/os/es, o que evidencia a urgência do combate permanente ao racismo no fazer cotidiano da categoria (LIRA et al., 2016).

O segundo momento foi coordenado pelo professor Tales Fornazier e consistiu no lançamento de livros<sup>18</sup> que abordam a temática étnico-racial. A mesa foi dividida em dois blocos. No primeiro, constaram os livros *Poemas Pretos*, de Sandra Remígio (2020); e *Poesia preta e periférica*, de Francine Oliveira e Marcelino Neto (2020). A tese de doutorado transformada no livro *Negras lideranças: mulheres ativistas da periferia de São Paulo* foi apresentada por sua autora, Eliete Barbosa (2020). Deivison Faustino discorreu sobre sua mais recente obra *A disputa em torno de Frantz Fanon* (2020). Este primeiro bloco ainda contou com Giulia Castro, que apresentou a obra *Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon*, organizada por Patrícia Carlos Magno e Rachel Gouveia Passos (2020).

No bloco seguinte, foram lançados os livros *O juvenicídio brasileiro: racismo, guerra às drogas e prisões*, de Andréa Pires Rocha (2020); *Racismo na infância*, de Márcia Eurico (2020). Duas coletâneas também foram apresentadas: *Luta antimanicomial e feminismos: formação e militância*, organizada por Melissa Pereira e Rachel Gouveia Passos (2020); *Racismo estrutural, institucional e Serviço Social*, cuja organização é de Tereza Martins e Nelmires Ferreira da Silva (2020). O dossiê “Questão étnico-racial e antirracismo”, publicado pela *Revista Em Pauta*, n. 45 e

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MM5takX9dHg>

<sup>18</sup> Apresentações disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=m6wNmbS20Y0>



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

n. 46, teve lugar destacado pelas professoras Magali da Silva Almeida e Ana Paula Procópio da Silva (2020). Por fim, Tales Fornazier também anunciou sua mais recente publicação, *Serviço Social e luta antirracista* (2020).

A professora Loiva de Oliveira, coordenou o terceiro encontro, ocorrido na tarde de 17 de dezembro de 2020, com o de lançamento da *Frente Nacional Assistentes Sociais no Combate ao Racismo*, que reúne Assistentes Sociais negros/as/es de diferentes regiões do país que, em consonância com o projeto ético-político profissional, busca fortalecer a articulação coletiva de lutas e ações antirracistas da categoria, como mencionado no manifesto lido durante o lançamento<sup>19</sup>.

O I Simpósio *Serviço Social e Relações Étnico-Raciais* também foi um espaço de formação. Nas manhãs dos dias 16 e 17 de dezembro ocorreram de forma simultânea vinte e cinco minicursos, ministrados por pesquisadores/as de várias partes do país, abordando temas como saúde da população negra, saúde mental, feminismo negro, questão racial e fundamentos do serviço social, dentre outros. As tardes foram ocupadas pelas comunicações orais de pesquisas nos vinte Grupos de Trabalhos (GTs). Além disso, a manhã do dia 18 de dezembro foi reservada para o Laboratório de Pesquisa de Graduação, destinado a estudantes negros/as/es dos cursos de graduação em Serviço Social das diversas regiões do país. Apesar do interesse crescente em realizar pesquisas acadêmicas sobre as relações étnico-raciais, estudantes deparam-se com a escassez de docentes disponíveis para as orientações, o que leva a muitas dúvidas sobre as etapas de uma pesquisa. O Laboratório, portanto, visou colaborar com o desenvolvimento de pesquisas em estágio inicial.

Nossa *arte ancestral* esteve presente ao longo de todo o I Simpósio. Logo na abertura<sup>20</sup>, a assistente social Jéssica Vianna, deu voz a outra Jéssica, a jovem e talentosa cantora Jéssica Gaspar, autora da canção *Deus é uma mulher preta*, interpretada majestosamente por sua homônima.

Antes da mesa que abordou o debate acerca do privilégio da branquidade e do racismo estrutural, na noite seguinte, tivemos mais duas lindas intervenções artísticas. Na primeira, a assistente social e atriz Priscilla Ribeiro interpreta a grande cantora Nina Simone e indaga sobre a violência imposta às mulheres negras. Na posterior, Tamires Nascimento, assistente social e mestra em Serviço Social e Políticas Sociais, declama a poesia decolonial de Akins Kinte: “Duro

<sup>19</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pHBmxEfOyZw>

<sup>20</sup> As duas intervenções artísticas estão disponíveis na página do Simpósio, mais especificamente em: <https://www.youtube.com/watch?v=2K4p2LPkaxQ>

não é o Cabelo, é o sistema. E não alisa, quebra na emenda. Entenda a persistência de mantê-lo crespo na essência. É bonito, é política, é resistência”<sup>21</sup>.

Ana Paula Pires Lourenço, assistente social, fez ecoar sua doce e potente voz. Na tarde de 17 de dezembro, acompanhada de seu fiel violão, minutos antes do ato de lançamento da *Frente Nacional Assistentes Sociais no Combate ao Racismo*, Ana Paula nos fez ter certeza de o quanto o afeto é revolucionário. Na sequência tivemos o privilégio de conhecer o projeto *Muvuca*, concebido por artistas da cidade de Santos, que por meio da arte (re)conta nossa história a partir de uma perspectiva totalmente distinta e transformadora<sup>22</sup>.

E ocorreram mais manifestações culturais<sup>23</sup> na mesa, em 17 de dezembro, que antecedeu o debate *Qual agenda antirracista para o serviço social?* Daniel Péricles Arruda – Vulgo Elemento – apresentou seu *Rap Quando o preto se destaca*; Marcelino Neto cantou e encantou com sua poesia cantada *Tenho raízes fincadas na terra*; e Francine Oliveira declamou sua poesia *Onde chagas o meu corpo? Histórias de quando eu morri*.

A última noite do Simpósio<sup>24</sup> trouxe de volta a irreverência da assistente social e atriz Priscilla Ribeiro, que apresentou fragmentos da peça *Lágrima de Laura*, inspirada na avó da atriz, cuja performance sobre as reflexões da matriarca é o fio condutor da história de vida de muitas mulheres negras. A peça é uma viagem à nossa ancestralidade, ao mesmo tempo em que também é um grito contra nosso apagamento na história. Em seguida, a jovem Vitória Gonçalves Ferreira declamou parte da poesia tocante de Conceição Evaristo: *Tempo de nos aquilombar*.

É tempo de ninguém se soltar de ninguém,  
mas olhar fundo na palma aberta  
a alma de quem lhe oferece o gesto.  
O laçar de mãos não pode ser algema  
e sim acertada tática, necessário esquema.

É tempo de formar novos quilombos,  
em qualquer lugar que estejamos,  
e que venham os dias futuros, salve 2021,

<sup>21</sup> É possível assistir às intervenções nos minutos iniciais do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xFhQSIF8azE>

<sup>22</sup> Disponível em: <https://youtu.be/pHBmxEfOyZw>

<sup>23</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=quvgtp-Pi6A>

<sup>24</sup> Consultar: [https://www.youtube.com/watch?v=LPJy\\_nXagmw](https://www.youtube.com/watch?v=LPJy_nXagmw)

a mística quilombola persiste afirmando:  
“a liberdade é uma luta constante”

### **À guisa de conclusão: a história oficial não apagará nossa história de resistência**

Sydney Paixão, que poucos dias depois nos deixaria e passaria à condição de ancestral, deu seu derradeiro presente para o Simpósio reunindo imagens das mulheres negras de nossa profissão que trilharam os passos de luta contra o racismo. Sob o lema “A história oficial não apagará nossa história de resistência”, ao ritmo de música que remete à nossa ancestralidade africana, visitamos e reverenciamos a todas as lutadoras, de ontem e de hoje, que constroem a pauta antirracista no interior do Serviço Social brasileiro.

Apesar das inúmeras dificuldades para a realização do encontro, esta foi uma importante edição do *Simpósio Serviço Social e Relações Étnico-Raciais*. E é preciso dizer que o acúmulo de debates, de sistematizações de pesquisas científicas, de difusão de conhecimento produzido, de experiências sobre a temática étnico-racial e sua interface com o Serviço Social, possibilitaram inúmeros diálogos e muitas trocas ao longo do Simpósio, sobretudo no momento dos Grupos de Trabalhos.

Sistematizar aqui o está registrado na página do evento é uma tentativa de contribuir para que essa densa e rica produção sobre relações étnico-raciais possa se fortalecer cada vez mais no interior do Serviço Social e alcançar um número cada vez maior de pesquisadores/as e profissionais que, em articulação com os movimentos sociais, reúnam esforços para construir uma sociedade livre da exploração capitalista de classe e de todas as opressões. Ubuntu.

### **Referências**

ABEPSS - Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa Em Serviço Social. *Resistir e avançar na ousadia de lutar (Gestão 2019-2020)*. Plano de Ação. 2018.

Disponível em  
<<https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/plano-de-acao-abepss-2019-2020-201812131328302628170.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2020.

ALMEIDA, Magali da Silva; SILVA, Ana Paula Procópio da. Dossiê “Questão étnico-racial e antirracismo”. *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 45 e n. 46, 2020.



- BARBOSA, Eliete. *Negras lideranças: mulheres ativistas da periferia de São Paulo*. São Paulo: Dandara, 2020.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CFESS - Conselho Federal de Serviço Social. *Assistentes Sociais no combate ao racismo: o livro*. Brasília: CFESS, 2020.
- CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 120-138.
- EURICO, Márcia Campos. *Racismo na infância*. São Paulo: Cortez, 2020.
- FAUSTINO, Deivison. *A disputa em torno de Frantz Fanon*. São Paulo: Intermeios, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- LIRA, Priscila Lemos et al. *Assistentes Sociais no combate ao racismo: resultado de enquête do CRESS (SP)*. In: 16º. Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais - 40 anos da "Virada" do Serviço Social, 30 out. a 3 nov. 2019, Brasília. [Anais...]. Brasília: CFESS, 2019, p. 1-12.
- LUGONES, María. *Colonialidade e gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 53-83.
- MAGNO, Patrícia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia (Orgs.). *Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon*. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
- MARTINS, Tereza Cristina Santos; SILVA, Nelmiere Ferreira da (org.). *Racismo estrutural, institucional e Serviço Social*. São Cristóvão: Editora UFS, 2020.
- MOREIRA, Tales Willyan Fornazier. *Serviço Social e luta antirracista: contribuição das entidades da categoria no combate ao racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2020.
- MORRISON, Tony. *Deus ajude essa criança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- OLIVEIRA, Francine; NETO, Marcelino. *Poesia preta e periférica*. Belém: Letras Periféricas, 2020.
- PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia (Orgs.). *Luta antimanicomial e feminismos: formação e militância*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.
- REMÍGIO, Sandra. *Poemas negros*. São Paulo: UICLAP, 2020.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

- ROCHA, Andréa Pires. *O juvenicídio brasileiro: racismo, guerra às drogas e prisões*. Londrina: EDUEL, 2020.
- SILVA, Ana Paula Procópio da; ALMEIDA, Magali da Silva; GONÇALVES, Renata. Ochy Curiel e o feminismo decolonial – Entrevista. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 46, p. 269–277, 2020.
- VIVEROS VIGOYA, Mara. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. *Debate Feminista*, Ciudad de México, v. 52, p. 1-17, 2016.
- VITÓRIO, Kajali Lima. O debate racial na agenda política do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais) – Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2019.